



## INTERNET E SALA DE AULA: UM BREVE RELATO SOBRE NEGACIONISMO HISTÓRICO E O CONSUMO DOS ALUNOS EM REDE

João Victor de Oliveira Calegari<sup>1</sup>

O presente texto tem como função discutir formas através das quais o negacionismo histórico têm chegado aos professores e demais profissionais da História. Para tanto, a escrita foi pensada em três partes. Um breve relato de uma experiência pessoal, das várias que já me ocorreram em sala de aula, buscando exemplificar como, enquanto professor, me vi pela primeira vez diante do discurso negacionista histórico dentro da escola. Posteriormente, iremos discutir o papel das redes na divulgação dessa narrativa, bem como a história como um produto a ser vendido; e por fim, na terceira parte, farei algumas considerações finais buscando apresentar uma saída possível. É válido afirmar que estas reflexões são parte de uma pesquisa de mestrado, ainda está em desenvolvimento, mais ampla e organizada em torno do campo de Teoria da História.

### **Um breve relato**

O ano era 2019, fui convidado a substituir uma amiga professora que estava se afastando por motivo de saúde da escola na qual lecionava, já ao fim do ano letivo. Uma das tarefas que a colega havia passado para as alunas e alunos era a de um trabalho bimestral com a ampla temática de “independências na América”. Era uma turma de 2º ano de ensino médio, de uma escola privada, no início do quarto bimestre letivo, cujo conhecimento prévio e informações não eram ainda suficientes para mim. Recebi os trabalhos e aproveitei o momento para me apresentar. Junto a isso, seguia lendo o nome dos grupos, em cada nova entrega, indagando “quem eles eram”, buscando uma forma descontraída de conhecer aqueles jovens.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Patrimônio, Ensino de História e Historiografia, pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. E-mail: calegariopro@gmail.com

Percebi logo de início a tristeza da maioria dos discentes com o afastamento da antiga professora, muito elogiada quando perguntava se os estudantes gostavam da disciplina. “De História não, mas da professora sim” ou então que gostavam de História, mas mais ainda da minha colega de profissão, até que um jovem disse uma coisa diferente, daquelas que fazem acender uma luz amarela de atenção. Ele afirmou que gostava de História, principalmente guerras e história do Brasil, e até gostava da antiga professora, apesar de ser muito “esquerdista”. Até o momento nenhum outro aluno tinha dito coisa parecida. Após a frase, um pequeno grupo de 3 ou 4 garotas começou a contradizê-lo, afirmando que o aluno era sem noção, ou “de direita”, e por isso se ofendia com tudo. Os colegas do outro lado começaram a rebater as meninas. Minha primeira reação foi a de pedir calma e buscar um afastamento do tom de briga que estava iniciando. Voltei às apresentações e segui o *script* da aula, planejado anteriormente.

Esse ocorrido me chamou a atenção para a própria disposição dos adolescentes em sala: existia uma espécie de divisão. Uma fileira vazia foi formada ao centro da sala de aula, e parte dos jovens agrupados à esquerda e outra parte à direita, mantendo o espaço vazio como uma espécie de fronteira. Na chamada, estavam todos presentes. Em algum momento a fileira de carteiras foi “criada”. A grande divisão que rondava o Brasil de 2018-2019 estava também à minha frente, nessa manifestação da sala de aula, e ela foi barulhenta. Ainda na mesma semana, corrigindo os trabalhos, observei que um dos grupos utilizava como referência a empresa *Brasil Paralelo*. Não me admirou a participação, nesse grupo, do aluno que havia feito o comentário sobre a professora. No trabalho, não eram notadas afirmações erradas ou mesmo um indicativo de que os jovens tivessem tirado informações de alguma produção da empresa. A princípio, imaginei que era um movimento no sentido de afrontar a antiga professora, ou um acréscimo de *site* para a lista de referências obrigatórias no trabalho escolar. Fato era que aquela empresa era conhecida pelo aluno e rendia-lhe um conjunto de representações fortes o suficiente para se tornarem fontes em seu trabalho.

Coincidentemente, nesse mesmo ano, alguns meses antes, eu havia tomado a decisão de estudar a dita empresa e como suas produções atuavam sobre o pensamento

histórico daqueles que buscavam vídeos e séries de história na internet para se informar. Agora eu tinha um exemplo direto do discurso da *Brasil Paralelo* chegando também nas escolas. A empresa tinha como meta acessar um grande número de consumidores e ampliar os seus planos na educação brasileira (Brito, Junior, 2021, p. 235). Naquele momento, já não me parecia correto simplesmente a ideia de reprimir o curso desse processo, ou mesmo pautar as aulas por dogmas, como o da existência de uma verdadeira história; somente ela dizia a verdade e somente ela seria considerada fora dos círculos acadêmicos. Era necessário entender todo o emaranhado de tentáculos que fizeram com que uma produção de não historiadores surgisse nas redes quando alguém busca conhecimentos nitidamente concatenados à disciplina História. Enveredei nos anos seguintes, em meio à vida de professor e uma pandemia, até a condição de pesquisador precarizado, construindo um projeto de mestrado no campo da Teoria da História.

Buscarei nesse breve texto construir uma dinâmica que possa, entre outras possibilidades, discutir as batalhas que nos rondam enquanto profissionais da História. Muito além da *Brasil Paralelo*, ela diz respeito à utilização de material de cunho negacionista, mas também sobre o uso mercadológico da história e das redes como forma de organização de todo esse interregno. Se possível, espero ainda apresentar a proposta inicial de uma alternativa longa, mas que pode ser um mecanismo de ajuda para professores que pautam suas práticas pelo horizonte de expectativas da sala de aula como um espaço plural e de pensamento crítico.

### **Negacionismo e as redes**

Em uma *live* no *Youtube* chamada “Diálogos necessários”, com a presença da historiadora Caroline Bauer e do historiador Valdeci Araújo, sob a direção de João Cezar de Castro Rocha, o tema principal era justamente os revisionismos históricos e o negacionismo. No episódio os historiadores têm, entre outros desafios, a grande pergunta a se responder: o que é negacionismo? Bauer apresenta colocações importantes que podem nortear o leitor no tema, como quando afirma a necessidade de “chamar as coisas pelos seus nomes”, abdicando da censura ou medo, de forma que seja reservado a

denominação do termo “revisionismo” para a ciência contemporânea, a história, feita com discussão, sem dogmatismo e tendo a certeza de que seu interlocutor é honesto. O contrário disso deveria ser no mínimo nomeado como negacionismo revisionista (Bauer, 2020). E o processo não está somente ligado à historiografia ou ao passado, mas também ao presente. Ainda na fala de Bauer, a autora afirma que a narrativa negacionista pode acontecer ao mesmo tempo em que um fato ocorre, como no caso da mídia jornalística que relativizava ou negava a violência durante o período da ditadura civil-militar no Brasil.

O tempo de uma notícia falsa também é mencionado. A historiadora aponta a dificuldade que é delimitar há quanto tempo ou quando uma notícia começou a circular nas redes. Como exemplo para essa afirmativa, e triste exemplo, podemos pensar no caso que Marcelo Freixo conta ao *podcast* “República das Milícias”, no sétimo episódio (República das Milícias, 2021). Freixo relata que poucos minutos após chegar no local em que a então vereadora Marielle Franco foi executada, junto de seu motorista Anderson Gomes, já circulavam *fake news* sobre a vereadora ser esposa de Marcinho VP, traficante do Rio de Janeiro. Segundo ele o corpo ainda estava no carro quando as notícias falsas circulavam pela internet. Como isso foi possível, a notícia falsa já estava pronta? Como podemos combater, como podemos lutar contra esse fenômeno? Bauer (2020) aponta a importância de se estar atento aos materiais utilizados pela escola e professores, bem como aos livros didáticos, uma vez que muitas vezes é somente na educação básica que a maioria das pessoas terão acesso a um debate histórico.

Ademais, se torna necessário pensarmos que o negacionismo vai além de negar um fato histórico, e a forma como ele é divulgado hoje não segue estruturas delimitadas pela ciência, mas sim pelas redes sociais, seus algoritmos e os significantes expostos para o público (Meneses, 2021). Esse fenômeno se destaca, em outros sentidos, como por exemplo em um questionamento da veracidade de uma fonte ou da própria figura do historiador, buscando a desqualificação desse profissional, que, inclusive, se estende para o campo da educação, ao desqualificar professores e as humanidades. Partir de uma

afirmativa falsa, incorreta ou descontextualizada faz com que seja possível construir toda uma cadeia argumentativa para convencimento do grande público.

A cientista social e antropóloga Letícia Cesarino expõe que as redes sociais operam como espécies de plataformas pedagógicas onde os usuários são os empreendedores de seus perfis. São influenciadores influenciáveis, mesmo que não tenham nenhuma ideia sobre isso. Não temos acesso a como funciona o ‘por trás’ dessas redes, no caso seu algoritmo (Cesarino, 2021, p. 86). A autora aponta para a dissolução das fronteiras entre público e privado, construídas na modernidade, hoje se confundem. Criar, opinar e divulgar ativamente fazem parte de uma imagem transgressora contra um sistema abstrato, tornado um inimigo contra o qual todos devem lutar. Afinal, uma das grandes características desse modo de funcionamento do negacionismo é delimitar um inimigo em comum, apontar de onde vem ou quem seria o grande causador de todos os problemas. Os usuários acreditam que esse inimigo os impede de prosperar. Dentro de sua lógica, eles desejam ser livres. Para isso buscam conquistar uma maioria, não indo para um centro, mas tencionando cada vez mais os extremos (Cesarino, 2021, p.138-139): Usando como caso as posições políticas vinculadas à esquerda e direita, por exemplo, dentro da formação política de democracia liberal representativa, a esquerda não é vista por esse público como um outro espectro político dentro da pluralidade, ela é vista como o inimigo, precisa ser eliminado. Esse inimigo é dominante e ameaça a existência desse grupo.

Muitos desses usuários são alunas e alunos de nossas escolas, que tem no celular sua presença garantida em redes sociais, fóruns e demais espaços *online*. Pesquisas recentes do IBGE apontam que em 2022 cerca de 85% das crianças tem acesso direto a internet e pelo menos metade desse percentual tem seu próprio celular. O número cresce quando falamos de adolescentes, a partir dos 14 anos, que possuem um aparelho de celular próprio, os números chegam a 84,7% nesse grupo (Guimarães, Pilar, 2023). O espaço da internet tem um papel importante para nossa análise, uma vez que ele parece intensificar o movimento de consumo em constante de atualização. A atualização constante torna-se



uma obsessão e faz com que muitos desses usuários encontrem<sup>2</sup> conteúdos como o da *Brasil Paralelo*.

Pensando no espaço da internet, a empresa tem duas grandes frentes: o canal no *Youtube* e o *site*. Presente no *Youtube* desde 2016, a *Brasil Paralelo* é descrita em sua página como uma produtora de vídeos que trabalha “para fortalecer em nossa cultura os valores e tradições, que notoriamente, ao longo da história conduziram a humanidade à paz e prosperidade”.<sup>3</sup> A empresa conta atualmente com mais de 400 milhões de visualizações e cerca de 3,8 milhões de inscritos em seu canal, onde quase 4 mil vídeos já foram postados. Sempre que um novo filme ou vídeo é lançado, os inscritos recebem notificação em seus perfis. É válido dizer que os números do canal podem variar de um dia para o outro, seja porque quando algum vídeo é excluído ou colocado como privado, então a plataforma suprime as visualizações daquele material, seja porque houve alguma peça publicitária e/ou polêmica envolvendo a empresa e conseqüentemente os números subiram. Em minha pesquisa de mestrado a principal fonte analisada é o documentário *Brasil – a Última Cruzada*, postado na forma de 7 episódios no *Youtube*, entre 2017 e 2019. No ano de 2022 alguns episódios foram retirados do ar, sendo relançados somente no *site* da empresa, até o momento.

Já em seu *site*, é possível ver um pouco do que a empresa apresenta como “nossa história”, na aba “sobre”. Eles afirmam ter começado pequenos, apenas três amigos, Felipe Valerim, Henrique Viana e Lucas Ferrugem, com câmeras emprestadas, “conseguindo entrevistas de quem poderia explicar o cenário brasileiro naquele momento”.<sup>4</sup> Mas explicar para quem? Segundo Henrique Viana, foi Olavo de Carvalho quem teria alertado o grupo de que eles deveriam ter uma militância, além da venda dos

---

<sup>2</sup> É válido mencionar que muitas vezes esse “encontro” com o conteúdo não é tão natural quanto aparenta, uma vez que, a empresa mencionada é campeã de gastos com propaganda e patrocínio de seu conteúdo no Google. Para ler mais: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/06/produtora-brasil-paralelo-e-quem-mais-paga-anuncios-politicos-do-google.shtml>. Acesso em: 20 maio 2024.

<sup>3</sup>Disponível em <https://www.youtube.com/c/BrasilParaleloOficial/about>. Acesso em: 20 de janeiro de 2023.

<sup>4</sup>Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/sobre>. Acesso em: 16 fev. 2023.

produtos<sup>5</sup>, uma espécie de junção de militantes com consumidores, é o que percebemos quando analisamos a forma como a empresa figura seus *Assinantes*.

Quem assiste as produções no *Youtube* é convidado a todo momento para ser um “financiador” dos projetos da empresa, pagando para consumir os produtos exclusivos do *site*. Todos os episódios de *Brasil – a última cruzada* começam com um pedido de Valerim de que o espectador torne-se um membro, um assinante, para financiar os episódios que ainda estavam por vir. Os planos e valores dessa assinatura mudam com certa frequência, seja por uma promoção ou por atualização de novos produtos. Atualmente estão disponíveis três planos, sendo o mais caro R\$ 59,00 e o mais barato R\$ 19,00; valores mensais. As variações costumam envolver curadorias de filmes selecionados pela empresa, que segundo eles são “grandes histórias do cinema” e que não “ferem os seus valores”<sup>6</sup>. Podem envolver diversas entrevistas e ao chamado núcleo de formação, onde são oferecidos cursos para as áreas de História, Arte, Filosofia e Educação, material de estudos, além de convites para encontros presenciais nos eventos da empresa. Este formato de assinatura e diversos planos disponíveis se assemelha muito a plataformas de serviços de *streaming* de filmes e séries, com a diferença pontual de que faz questão também de frisar a todo momento que não usa dinheiro público ou nenhuma outra forma de financiamento estatal.

Cria-se uma lógica de mercado, totalmente aplicada a indivíduos comuns. O empreendedor substitui então o planejador, o progresso torna-se risco e o neoliberalismo um projeto antimoderno (Cesarino, 2021, p. 87). A performatividade da verdade é a única forma de antecedência da verdade. A influência digital opera na orientação por metas, por segmentação de público. A linguagem empresarial, o *ethos* do empreendedor e, principalmente, a ideia de que não dependem do dinheiro do Estado para sobreviver é o que de certa forma encontramos nos materiais citados. A ideia de que a indústria tecnológica seria a mais livre, a mais espontânea, por ter menos entraves regulatórios e

---

<sup>5</sup>Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=6BF83wbervI&ab\\_channel=Parlat%C3%B3rioLivre](https://www.youtube.com/watch?v=6BF83wbervI&ab_channel=Parlat%C3%B3rioLivre). Acesso em: 16 fev. 2023.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://site.brasilparalelo.com.br/seja-membro/> Acesso em: 16 fev. 2023

ou subsídios estatais, além de falsa, é uma demonstração de que na agenda neoliberal o modelo de negócio dessas plataformas estruturadas em relação online é a mais invisibilizada (Cesarino, 2021, p. 90).

A venda de uma verdade histórica que foi ocultada é importante para entendermos a narrativa que vai se construindo nessa e em outras formas de negacionismo. As dimensões de “serviço”, “história” e “verdade”, encontram-se inseparáveis, podendo sinalizar uma nova modalidade, da qual é importante dizer:

Essa nova modalidade pode ser denominada de “história como serviço”. Ela emerge do imenso crescimento do setor de serviços na economia neoliberal, como também sinaliza a fragmentação da esfera pública, possibilitada pelo modo de funcionamento das novas empresas de tecnologia. A privatização da representação histórica é a grande característica dessa nova modalidade, alterando profundamente os usos e os sentidos sociais da história. (Turin, 2019)

O historiador Rodrigo Turin nos brinda com uma definição que é característica e muito importante de ser pautada nesse debate, pois na sociedade de mercado, a razão de comércio é expandida em todas as instâncias<sup>7</sup>, incluindo os indivíduos e agentes que atuam dentro dos setores educacionais, dentro da produção de material histórico, neste caso analisado, para a *Internet*, e em demais formas de negacionismo que possamos encontrar por essa longa jornada.

### **Considerações finais**

Mas o que o professor pode fazer em relação a tudo isso? Bom, acredito que inicialmente devemos fazer um questionamento de nível pessoal, “o professor quer fazer algo em relação a esse problema?” Sejamos sinceros, são inúmeros os desafios que a escola e os profissionais de educação passam diariamente, os obstáculos parecem se ampliar junto com a precarização profissional e a desvalorização salarial. A carga de trabalho é imensa e muitos profissionais atuam em mais de uma instituição para conseguirem fechar as contas ao fim de cada mês. Entretanto, se a resposta para essa

pergunta rasteira for “sim”, cabe a nós educadores um passo em relação a esse problema, chegamos a uma primeira proposição. Como Walter Benjamin já afirmava em 1940, nossa tarefa é “escovar a história a contrapelo”<sup>8</sup> e confrontar narrativas falsificadoras que privilegiam os vencedores e perpetradores em detrimento dos vencidos e violentados.

A História, enquanto disciplina, parece-se nos como um fenômeno da modernidade, uma vez que somente a partir do século XIX é que a ideia de formação do historiador passou a ter autoridade perante a uma antiga lógica de *voz do historiador*, atrelada totalmente a retórica (Turin, 2018, p. 193). Esse fenômeno parece ter chegado a um ponto de virada, ou de transformação. A disciplina histórica hoje, segundo Rodrigo Turin (2018), parece transitar de modo tenso entre um passado disciplinar e um passado prático<sup>9</sup>, sendo o passado disciplinar comprimido por uma ampliação dos meios de representação. Cabe a nós teorizar uma consciência histórica que analise e combata as narrativas e meios de representação negacionistas, produzidas pela Brasil Paralelo, ou demais empresas e atores. Pensar como se pode tencionar o espaço da sala de aula de forma crítica, plural e democrática, o contrário da narrativa negacionista, que é fechada em si mesma, acusatória e falsificadora. Movimentar-se em relação a isso é se colocar no centro do problema em busca de fazer parte de sua resolução.

## Referências

BRITO, Karina Oliveira, JUNIOR, Osvaldo Rodrigues. A cruzada “alternativa” da Brasil Paralelo: a história como instrumento de guerra cultural. *SÆCULUM – Revista de História* [v. 26, n. 45]. João Pessoa, p. 231-246, jul./dez. 2021, ISSN 2317-6725.

CESARINO, Letícia. *O mundo do avesso - A verdade política na era digital*. São Paulo, Ubu Editora, 2022.

---

<sup>8</sup> A citação refere-se a Tese VII, do conjunto das Teses sobre a História de Walter Benjamin, publicadas oficialmente em 1940. Deve ser mencionado, entretanto, que hoje é de conhecimento que o autor, perseguido pelo fascismo em seus anos finais de vida, deixou escritos diversos manuscritos. Para o presente trabalho utilizamos a leitura que Michael Lowy faz sobre o autor alemão em LOWY, Michael. *Walter Benjamin: Aviso de incêndio. Uma leitura das teses “sobre o conceito de história”*. São Paulo: Boitempo, 2005.



CESARINO, Letícia. Pós-Verdade e a Crise do Sistema de Peritos: uma explicação cibernética. *Ilha – Revista de Antropologia*, Florianópolis, v. 23, n.1, p. 73-96, 2021.

CULTURA EM CASA. *Live 77 Valdei Araújo e Caroline Bauer - Diálogos Necessários*. 2020. Disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?v=dEg3PY\\_S9Yc&ab\\_channel=CulturaEmCasa](https://www.youtube.com/watch?v=dEg3PY_S9Yc&ab_channel=CulturaEmCasa).

Acesso em: 25 maio 2024.

GUIMARÃES, Maria, PILAR, Ana Flávia. *No Brasil, 85% das crianças têm acesso a internet e mais da metade já tem celular*. O Globo, Rio de Janeiro, 09 de Novembro de 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/noticia/2023/11/09/no-brasil-85percent-das-criancas-tem-acesso-a-internet-e-mais-da-metade-ja-tem-celular.ghtml>.

Acesso em: 20 maio 2024.

LOWY, Michael. *Walter Benjamin: Aviso de incêndio*. Uma leitura das teses “sobre o conceito de história”. São Paulo: Boitempo, 2005.

MENESES, Sônia. Os vendedores de verdades: o dizer verdadeiro e a sedução negacionista na cena pública como problema para o jornalismo e a história (2010-2020). *Revista Brasileira de História*, vol. 41, nº87. p.80, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-93472021v42n87-05>.

REPÚBLICA DAS MILÍCIAS. 7. Autor desconhecido. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/podcasts/episode/a-republica-das-milicias/0d2e359d-41dd-4fdb-8f6d-323f51d51976/>. Acesso em: 30 maio 2024.

TURIN, Rodrigo. Entre o passado disciplinar e os passados práticos: figurações do historiador na crise das humanidades. *Tempo [online]*. 2018, vol.24, n.2, pp.186-205.

\_\_\_\_\_. Os tempos da independência: entre a história disciplinar e a história como serviço. *Almanack*, Guarulhos, n.25, ef00120, 2020. Disponível em: <http://doi.org/10.1590/2236-463325ef00120>.

\_\_\_\_\_. Presentismo, neoliberalismo e os fins da história, in: AVILA, A. (Org.); NICOLAZZI, F. F.; TURIN, R. (Org.). *A História (in)Disciplinada*. Teoria, ensino e difusão de conhecimento histórico. 1. ed. Vitória: Milfontes, 2019.